

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

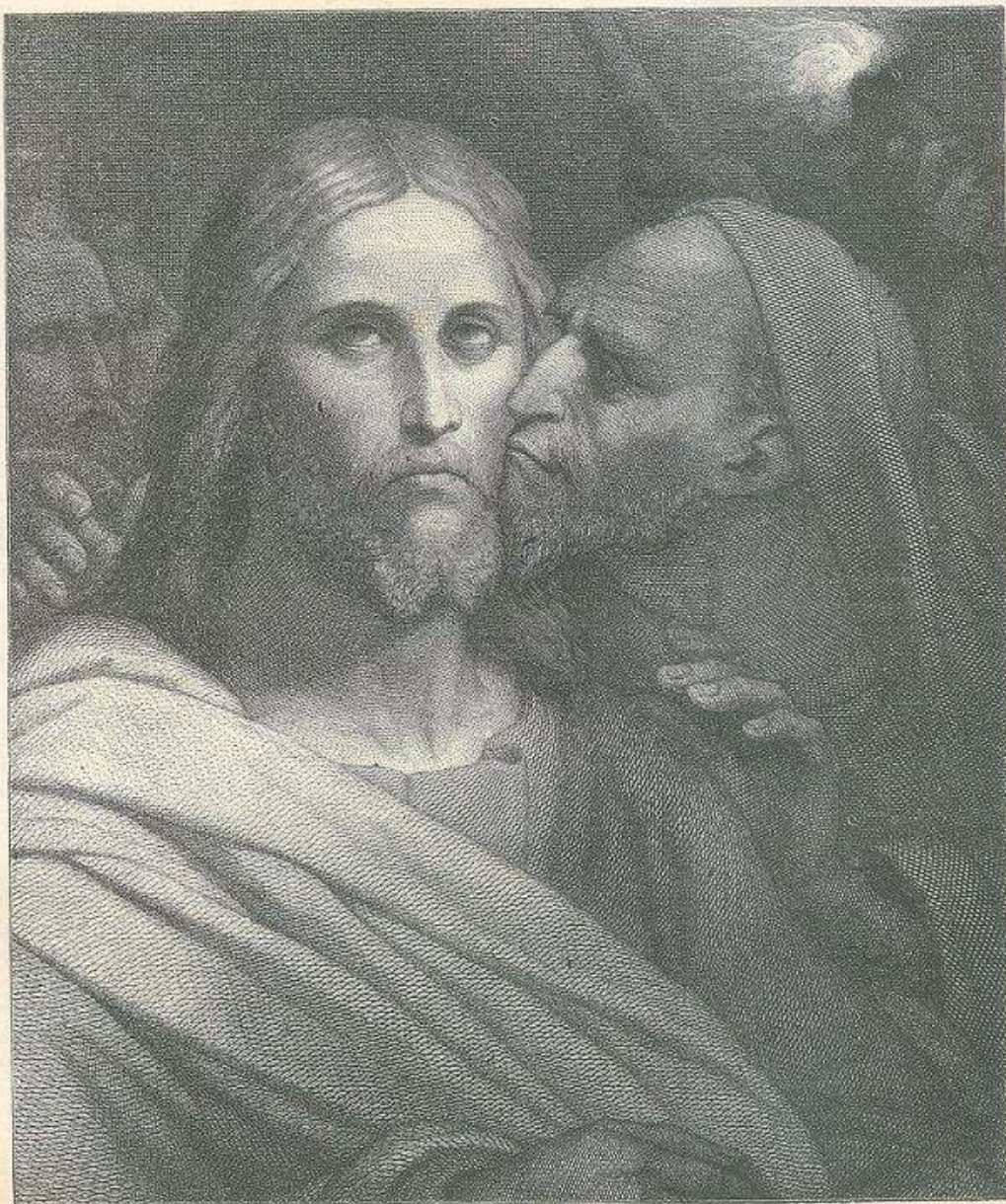
DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA		— ANNO I—29 DE MAIO DE 1881—N.º 15 —	ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR		GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º	BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	25000 réis		Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	15000 .		Semestre ou 26 numeros.....	45000 .
Trimestre ou 13	7000 .		Trimestre ou 13	25000 .
Avulso.....	60 .		Avulso.....	200 .

SUMMARY

Gravuras:—O beijo de Judas; Os pensamentos da avó; Thezouros de família; A ponte de Kuylenburgo na Hollanda.

Texto:—Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; Horas de ocio; Dividas do coração (romance); O domingo dos bebés; Portugal velho; Rosicler; Atravez da Siberia (romance).



O BEIJO DE JUDAS

ACTUALIDADES

Calderon! É claro! Pois esperavam outro nome? Foi este que encheu a semana, e de Madrid vieram repercutir-se em Lisboa os ecos das festas com que era esse nome celebrado. Agora pegou decididamente o entusiasmo pelos centenários, e verão que ainda vimos a ter um calendário de grandes homens como temos tido até aqui um calendário de santos christãos. Nunca baja ainda assim outra mania peor!

Calderon foi incontestavelmente um grande homem, e o seu vulto domina a arte hespanhola no seculo XVII, esse seculo extraordinario para a Hespanha, em que se desmoronava politicamente e em que ao mesmo tempo adquiria no campo da arte uma gloria immortal. É porque os grandes movimentos politico e litterario nem sempre coincidem, o movimento litterario segue-se quasi sempre ao movimento politico, é uma consequencia d'elle. O seculo XVI, o seculo mais glorioso da Hespanha, o seculo de Carlos V e de Lepanto, de Cortez e de Pizarro, o seculo que vio morrer Colombo e nascer Lope de Vega, teve no seculo XVII a sua verdadeira efflorescencia litteraria. A Revolução Franceza, que transformou completamente o mundo moderno, que destruiu as velhas cortés regradas e pautadas pela *virga ferrea* da etiqueta, que abriu novos horisontes ao espirito humano, que derrubou os thronos vetustos e fundou as novas democracias, só produziu os seus fructos sazonados em pleno seculo XIX no grande movimento litterario e artistico de 1830. Os contemporaneos da Revolução faziam tragedias classicas, idylls piegas, e romances indecentes, e, o que é mais curioso ainda, é que os revolucionarios que tinham a guilhotina em permanencia não supportavam as cruzes de Shakespeare no theatro. Conta Ducis n'um dos seus prologos uma scena curiosa:

Ducis foi um honrado homem que se lembrou de adaptar Shakespeare á scena franceza. Transformou as bruxas de Macbeth n'umas magas muito correctas, poz o Hamlet a fazer uns alexandrinos regulares, e a dizer galanteadoramente a Ophelia *Madame, de vos charmes l'éclat* etc., fez de Ricardo III um tyranno classico, de unhas cortadas e barba feita, e de Othello um Orosmane todo delicado e fino. Com estas precauções todas entendeu que lhe não era prohibido matar Desdemona no 3.º acto do seu *Othello*, e assim fez em conformidade com os decretos de Shakespeare, mas no ensaio geral o publico revoltou-se e tanto chorou, e tantas lamurias fez, que o honrado Ducis entendeu magnanimamente que devia perdoar a Desdemona, e Desdemona foi salva.

Ora sabem em que epocha havia em Paris um publico tão sensível? Em 1793, no mesmo anno em que subiam ao cadafalso, com applauso popular, Luiz XVI, Maria Antonieta, Madame Elisabeth, e quantos fidalgos e fidalgas e girondinos e girondinas se podiam apanhar, a razão de uns cinquenta ou sessenta por dia, quando não eram mais.

Depois no reinado de Luiz Philippe, quando se discutia a abolição da pena de morte, quando o governo da França era representado não pelo cutello da guilhotina, mas por um pacato guarda-chuva, então é que no theatro se matava gente a valer. Na ultima scena do *Hernani*, morriam tres pessoas, porque só estavam tres em scena, senão morriam mais; a *Maria Tudor* começava pelo as-

sassinio de um judeu e acabava pela degola de um christão, e, em presença de tão altos exemplos, os dramaturgos de segunda ordem faziam uma tal carnificina nas suas peças que se não podia parar com o cheiro do sangue nos theatros de *boulevard*.

Assim tambem, quando a Hespanha conquistava a America, quando D. João da Austria pelejava gloriosamente em Lepanto, quando Carlos V enchia o mundo inteiro com o seu nome e a sua gloria, faziam-se na Hespanha umas pifias epopeas á imitação da *Araucana* de Ercilla, e era quando ella perdia Portugal e as colonias, e Flandres, quando levava bordoadas dos Hollandezes por um lado, dos Francezes pelo outro, e quando os Portuguezes tambem molhavam a sua sopa, era então que appareciam os grandes poetas dramaticos e os grandes pintores, Calderon e Murillo, Velasquez e Tirso de Molina, era então que o estylo dos poetas e a palleta dos pintores se enriqueciam com todo o fulgor dos mundos conquistados, era então que resoavam no tablado dos theatros os ecos do antigo valor cavalleresco, e era então que se fallava na grandesa dos reis, quando Philippe IV só era grande, como se dizia então, á maneira das covas que só são grandes quando se lhes tira muita terra.

Festeja a Hespanha Calderon, porque o grande poeta é a expressão mais sublime do genio hespanhol. Na sua obra immensa ouve-se o echo de todas as serenatas hespanholas, resplandecem os fulgores de todas as estrelas das suas noites, passam as mantilhas das suas damas donairosas, e os relampagos das espadas dos seus *caballeros* fanfarrões, illumina-se ás vezes, como na *Devoción de la Cruz*, com o reflexo rubido das fogueiras inquisitoriaes, amaneira-se com os trocadilhos affectados do estylo de Gongora. Os seus versos estalam como as castanholas, os seus personagens volteiam nas mil peripecias das suas comedias como as *manolas* nas mil voltas caprichosas do *bolero* nacional. Deus, a honra, o amor, são a triplice inspiração do theatro de Calderon, e para que não falte um só elemento hespanhol á obra complexa do grande genio, até no *Alcaide de Zalamea*, na figura mais energicamente desenhada da peça, na de D. Pedro Crespo fulge uma scintilla d'esse cume da liberdade que Carlos V e Philippe II tinham julgado apagar com o sangue dos cadafalsos, em que foram decapitados os *comuneros* de Castella, e os defensores dos foros de Aragão, e que foi depois acender em Cadiz esse clarão immenso, que em 1820 se projectou de um lado pela Hespanha, do outro pelo Oceano.

Glorifique-se pois em Calderon a Hespanha, como nós nos glorificamos em Camões. Este dêra-nos a epopeia immortal em que todas as nossas glorias e todas as nossas tradições se achavam consubstanciadas. Calderon deu á Hespanha na sua vasta e complexa obra theatral o prisma de mil facetas em que se manifesta em coradas scintillações todo o encanto, toda a ousadia, todo o ardor apaixonado da grande alma hespanhola.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

O BEIJO DE JUDAS.—O quadro, que a nossa gravura reproduz, é de Ary Schaeffer, o suave

pintor das Margaridas do Fausto, o meigo idealista cujo pincel magistral se comprazia em transportar para a tela as doces figuras da tradição poetica da humanidade. Assim como pintou na egreja Margarida e Mephistopheles, a doce virgem e a tentação satanica, assim tambem associou, no quadro que a nossa gravura representa, o sublime vulto de Christo e a physionomia hedionda de Judas o traidor.

Lembrar de novo a scena que todos conhecem seria escusado. Esse osculo de Judas tem apenas por fim designar aos esbirros do synhedrio a victima que procuram. Quantas vezes, porém, no mundo se repete o beijo hypocrita! Quantas vezes labios mais frescos do que os do discipulo traicoeiro se poizam na face da victima que designam! quantas vezes os carinhos são apenas a mascara da traição infamissima. Ficou proverbial o beijo de Judas, e com razão, porque, se os Christos não voltam, a descendencia de Judas essa tem-se perpetuado.

Resta-nos apenas apontar ao leitor a belleza d'essa admiravel cabeça de Christo! Como exprime bem o tedio profundo adoçado pela compaixão divina! como os labios apertados designam o desdem que esmaga, enquanto os olhos erguidos ao céu mostram que o Martyr sublime supplica ainda ao Pae celeste que seja misericordioso com o traidor, no proprio momento em que está sendo victima da traição que conhece!

A cabeça de Judas é mais banal, menos profundamente expressiva. É que o talento de Ary Schaeffer, talento todo de luz e de suavidade, estava mais á vontade com as loiras cabeças dos Christos e das Gretchen do que com as physionomias repellentes ou ironicas dos Judas e dos Mephistopheles!

OS PENSAMENTOS DA AVÓ.—Estão na egreja, a criança e a velha! Uma vae ali buscar esperanças, outra alliviar saudades. Em que pensa a pobre avó, que deixou cair o livro sobre os joelhos, em quanto na physionomia descuidosa da criança se espalha uma luz serena? Pensa nos que não existem! Lembra-se do seu passado, da hora feliz em que, noiva gentil e sorridente, pôz ali n'esse mesmo templo a sua mão ainda branca na mão do homem que a escolhera. Pensa nos filhos, que desceram antes d'ella ao tumulo, soffregos ás vezes de mocidade e de belleza! Pensa na sua longa e cansada existencia, e, antes que a resignação christã lhe venha trazer de novo aos labios o sorriso grave e sereno, que tantas dôres esconde, enquanto o neto a não vê, de absorto que está na contemplação do altar, deixa transparecer na enrugada physionomia todas as saudades, todas as angustias que n'essas rugas se escondem como os passaros funerarios nos nichos das ruínas.

Eis o assumpto d'este admiravel quadro de genero, do celebre pintor belga Lhermitte, que figurou brillantemente na exposição de Gand, de 1880.

THEZOUROS DE FAMILIA.—Bastava escrever o titulo! Adivinha-se tudo. O pae é um operario, um mineiro, volta de trabalhar todo o dia no fundo escuro das minas, exposto ao *grisou*, privado de ar e de luz. Chega a casa. É ao anoitecer, mas os pequenos são como os passaritos; apenas o sol se esconde, vão, a cair de somno, recolher-se aos ninhos. O mais velho, contudo, ainda conseguiu

esperar o pae, e, apenas o sente, eil-o que salta pela cama fóra para o abraçar e beijar. O mais novo não pôde resistir, dorme serenamente. A mãe contempla risonha esse quadro encantador. E o pobre operario levará no dia seguinte para a sua mina escura, n'esse beijo e n'esse sorriso, um raio de sol que será a sua provisão de luz e de calor, de alegria e de conforto n'essas trevas geladas, n'esse trabalho insano. Thesouros de familia! Valem mais do que os que elle arranca da mina para o avido proprietario!

A PONTE DE KUYLENBURGO NA HOLLANDA.—A ponte que a nossa gravura representa é uma ponte de caminho de ferro, feita em condições especiaes, porque os terrenos alagados da Hollanda fazem com que esse paiz lucte com enormes difficuldades para estabelecer as suas vias ferreas. Tem 629 metros de comprimento, 8 metros e 25 centimetros de largura. O taboleiro da ponte é de ferro e aço. Teve de se empregar o aço para se alcançar mais economia de peso.

Custou esta ponte 1:080 contos de réis. Experimentou-se fazendo-lhe passar por cima um comboio de cinco locomotivas, que pesava cada uma com o seu tender 50:000 kilogrammas, e de tantos wagons carregados, pesando cada um 15:000 kilogrammas, quantos se podiam collocar n'um espaço de 150 metros. E, antes de passar o comboio, pozera-se em cima da ponte um peso de ferro igual ao peso d'esse mesmo comboio. A ponte resistiu com uma elasticidade admiravel.

No pilar estabelecido no meio do rio ha uma mina que tem por missão fazer voar, em tempo de guerra, a ponte pelos ares.

HORAS DE OCIO

Recebemos varias cartas, que nos mostram que a nossa idéa foi bem acolhida, e com isso extremamente nos regozijamos. Uma d'ellas traz-nos já a resposta á nossa pergunta do numero passado e por isso lhe damos a primazia. É a seguinte:

Sr. redactor

Lisboa, 24 de maio de 1881.

Satisfazendo ao desejo que V. manifesta no seu numero p. p., tenho a honra de lhe declarar, que V. facilmente encontrará a resposta á sua pergunta nas *Noites de Insomnia* do sr. Camillo Castello Branco. Ahi se encontra, eloquentemente narrada, a historia do caso que eu passo muito em resumo a referir:

Em 1762, quando rebentou a guerra entre Portugal e a Hespanha e o Marquez de Sarria invadiu a provincia de Traz-os-Montes, havia n'uma das extremidades da ponte de Fresno, junto de Miranda, uma formosa mulher casada com um valente, que aos primeiros rebates da invasão se alistou n'uma das guerrilhas que logo por alli se levantaram. Namorou-se um sargento hespanhol da belleza da transmontana, e quiz tomal-a para si, o que julgou empreza facil por estar o marido ausente. Alta noite foi-lhe bater á porta, acompanhado de dois soldados; mas o marido viera a occultas ficar em casa. Assim que adivinhou o que era, foi abrir, e descarregou ao mesmo tempo o arcabuz no peito do primeiro que lhe appareceu. O hespanhol cahiu, mas duas balas foram logo em seguida vingar-lhe a morte; quando ia

exanime ao chão, ainda o portuguez teve forças para levar debaixo de si estrangulado o segundo soldado hespanhol. Só o sargento ficára incolume, mas a formosa portugueza, que seguira intrepidamente o marido, levando nas mãos o espeto da cosinha, e que não podéra intervir até ahi no combate que se travára com uma rapidez de relampago, ao ver o sargento caminhar para ella, varrou-o inesperadamente do peito ás costas com o espeto que trazia, e fugiu.

Os outros hespanhoes, attrahidos pelos tiros, vingaram a morte dos seus camaradas, deitando fogo á casa; da heroica viuva não reza mais a historia.

Mas a fama do seu feito espalhou-se e inspirou a um poetastrô qualquer o mediocre soneto que V. transcreveu, e que tanto, segundo diz, lhe aguçou a curiosidade.

De V. etc.

José Rodrigues da Cunha Falcão.

Agradecemos penhoradissimos ao sr. Cunha Falcão a presteza da sua resposta. Effectivamente a pag. 22 do 1.º numero das *Noites de Insomnia* lá encontramos a narrativa que o sr. Cunha Falcão habilmente resumiu.

Agora temos nova pergunta, mas d'esta vez quem a faz é um dos nossos leitores. Temos novas perguntas era o que deviamos dizer; mas não temos remedio senão distribuil-as por numeros successivos do jornal.

A pergunta que vamos transmitir aos nossos leitores vem communicada na seguinte graciosa carta:

Sr. redactor

Pois quadrou-me, fique sabendo. Achei graça á idéa, e vou desde já aproveitá-la. Sim senhor. Pôde-se gabar de que teve uma bonita lembrança. Assim lhe saíam todas. Veiu-me alegrar as minhas tardes, e os meus serões. Se hei-de ir jogar o gamão com o boticario cá da terra, ou dizer mal do governo para a tenda do Zé Fernandes, que é mais republicano que Gambetta, vou-me divertir a massar o proximo com as minhas perguntas, ou a matutar para vêr se respondo ás perguntas dos outros. Ature-me, sr. redactor. Tenha paciencia. Se não queria, não se mettesse n'isso. Abriu loja, ha-de aturar os freguezes e até mesmo os emprazadores.

Ora pois, saiba vossinhoria o seguinte: Eu tenho cá em casa um livro que herdei de meu pae que Deus haja, e que se chama: *Description de la ville de Lisbonne*—Paris, 1730. N'esse livresco encontrei eu ha dias a seguinte informação:

«O posto de camareiro-mór da rainha vagou por morte do Marquez das Minas, assassinado em 1721.»

Olá! disse eu com os meus botões, este Marquez das Minas, pela data da morte, não pôde ser senão o nosso grande general, o que entrou victorioso em Madrid, e recebeu em salva de prata as chaves da villa coronada. Corro ao *Diccionario Popular*, que V. redige por signal, e a pag. 215 do vol. 8.º encontrei a noticia de que o Marquez das Minas, assassinado ao sair da congregação do Oratorio a 17 de setembro de 1722, não foi o grande general, mas sim seu filho. E a proposito, diga-me uma coisa, sr. redactor, como é que o tal *Diccionario*, dizendo que o Marquez das Minas, filho, herdou por morte de seu pae, o

titulo e outras prerogativas, dá ao mesmo tempo o filho morto em 1722 e o pae em 1728? Resuscitou o filho para herdar do pae, ou resuscitou o pae para herdar outra vez do filho? Em podendo me explicará este caso celebre.

Mas não é d'isso que se trata. Ainda que o meu empenho diminuiu bastante, logo que vi que não era do nosso grande general que se tratava, contudo fiquei com uma certa curiosidade de saber como é que fóra assassinado, e ao sair de uma casa religiosa, tão nobilissimo fidalgo. Saberá algum dos seus leitores contar-me o que isso foi?

Se não houver quem saiba, paciencia! Não me hei-de matar por isso, nem tenciono por esse facto andar amarrado dez annos ao meu proprio cadaver.

Desculpe V. a impertinencia, e respeite a mascara de quem se assigna,

Presbyterio de Carteia, 25 de maio.

Eurico.

Respeitam-se as mascaras, podéra, e diante da mascara tragica de Eurico ainda se faz mais, dobra-se o joelho. Contudo devemos dizer que Eurico alegrou bastante n'estes ultimos annos, e que no presbyterio de Carteia ja não está quem pergunte «o que seria do mundo se n'elle não houvesse lagrimas?» Ora ainda bem!

Emquanto ao seu fino remoque relativo ao *Diccionario Popular*, devemos dizer-lhe desde já que não resuscitou ninguem, a não ser Eurico, é claro. O que houve foi um erro de imprensa como ha tantos n'este mundo typographico em que vivemos. Trocou-se 1 por 2 e tanto bastou para que o 3.º Marquez das Minas morresse antes do 2.º, apesar de ter herdado o titulo por morte do pae.

Emquanto á pergunta, vamos limitar-nos a transmittir-a aos nossos leitores. Apenas diremos aos decifradores que é quasi impossivel que aquelle bisbilhoteiro do cavalheiro de Oliveira não desse noticia do caso. Em lhe cheirando a escandalo, lá está logo avido e agitado o nariz protestante de Francisco Xavier.

E já que está com tão boas disposições, converse mais vezes com a gente, Eurico. As Hermengardas agora mandam-se á lava, e os ostiarios são tidos, como de razão, na conta de uns impertinentes sachristães. Salte para o cavaco, presbytero!

Senhoras e senhores assignantes, quem sabe a historia do assassinio do 3.º Marquez das Minas, e está resolvido a contar-a ao nosso curioso Eurico?

D. SABINO DE GOICOECHEA

DIVIDAS DO CORAÇÃO

TRADUÇÃO DE

J. M. PASSOS VALENTE

(Continuado de pag. 110)

Eu não queria deixá-lo ir; porem elle... coissas de rapazes! em lugar de resistir, quiz ir por força, accreditando que iam fazel-o official pelo menos. Ora veja, tem apenas deseseis annos!

—Pobre creatura! exclamou Thereza, deixando-se levar pelo seu bom coração.

E aquella exclamação, tão espontanea como sincera, produziu em Maria uma torrente de la-

grimas, que alliviou extraordinariamente o seu coração, opprimido por um circulo de fogo.

— Porque não vae fallar ao coronel? continuou ella depois de uma breve pausa. E' tão boa pessoa! Talvez elle lhe aconselhe o que deve fazer.

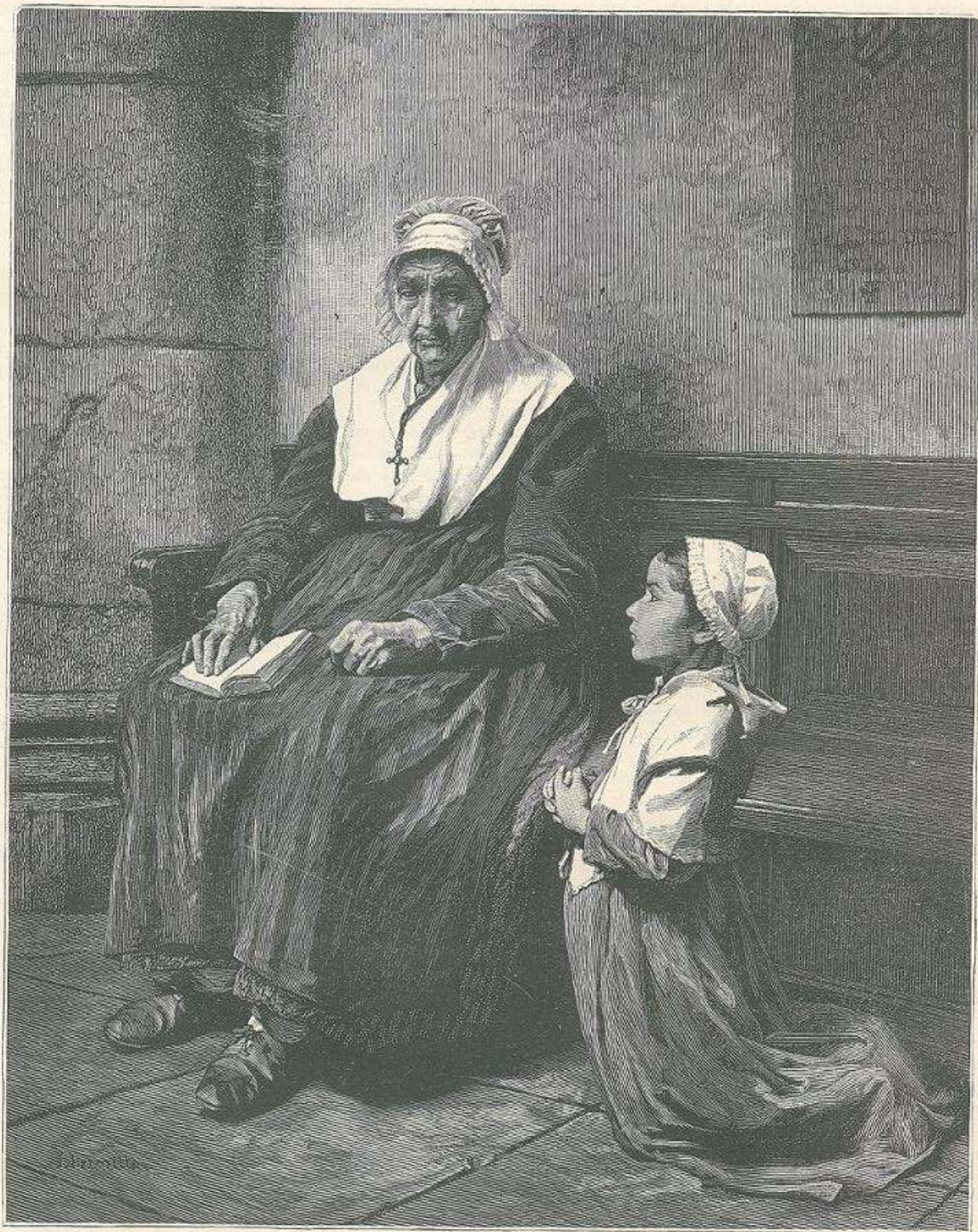
— Vou lá immediatamente. Obrigado, muito obrigado por tudo.

— Não tem que agradecer-me; o principal é que consiga o que deseja.

— Deus a oiça, e a recompense pelos favores que me fez.

combate se esquecia da amizade que lhes tinha, para só attender ao cumprimento dos seus deveres, acabada a lucta arrasavam-se-lhe os olhos de lagrimas ao receber a noticia da morte de alguns dos seus.

Dotado de um coração generoso e bem forma-



OS PENSAMENTOS DA AVÓ

— E onde está o coronel? perguntou Maria enxugando as lagrimas precipitadamente, acariciando no espirito uma esperança por mais remota e ephemera que fosse.

— Móra a dois passos d'aqui; na casa que fica fronteira a esta.

— Vá com Deus, vá.

E Maria sahiu da loja, quasi a correr, sustida sem duvida por uma esperança febril.

Era effectivamente o coronel Baeza um honrado e valente militar. Estimava os seus soldados como se fossem seus filhos; e se no ardor do

do, repugnava-lhe derramar uma só gota de sangue fóra do campo da batalha.

Tal era o coronel Baeza.

No momento em que Maria chegava á porta de sua casa, perguntando por elle, achava-se o coronel sentado em frente de uma mesa carregada

de papeis. A seu lado estava um cadete de pouco mais de desesseis annos, vivo retrato do coronel.

Era filho d'elle, e o vivo retrato do pae tanto

O coronel acabára de escrever uma carta, e estava lendo para si... «E' um valente entre os valentes, dizia a carta. Se tivesses podido vêr a serenidade e arrojo com que se collocou á

póz no hombro esquerdo a dragona de alferes. Ganhou-a bem, asseguro-t'o, e tú, que me conheces, sabes bem que por muito que eu queira a teu filho, ao meu Alberto, não me cega a pai-



THE SOUROS DE FAMILIA

na moral como no physico. Physionomia doce e expressiva, sangue frio e valor de um veterano eram as qualidades que adornavam o joven Alberto Baeza.

frente da sua companhia, quando, feridos ou mortos os seus chefes, os soldados começavam a vacillar, tel-o-bias devorado com beijos.

«No proprio campo de batalha o general lhe

xão ao ponto de faltar á verdade, ou de exagerar o que te digo.

«Ensoberbece-te, minha querida Clara, tens um filho digno de tí e do teu apaixonado.—Ramon.»

N'aquelle momento apparecia entre portas uma ordenança annunciando que uma mulher perguntava pelo coronel.

— Que quer ella? replicou este.

— Não o quiz dizer; só disse que tem grande necessidade de fallar ao coronel.

— Pois que entre, disse este.

Um minuto depois chegou Maria, que, sem poder articular uma palavra, se deixou cahir soluçando aos pés do coronel.

Apressou-se este a levantá-la, em quanto seu filho aproximava uma cadeira para ella se sentar.

Passado algum tempo sem que fosse interrompido o silencio que guardavam os trez actores d'aquella scena, a não ser pelos soluços suffocados de Maria, disse-lhe o coronel:

— Ora vamos, socegue... bem vê que precisas dizer-me o que pretende de mim.

— Senhor!... foi a unica palavra que a pobre mãe pôde pronunciar, pois, suffocada de novo pela commoção, que d'ella se havia apoderado, a voz se lhe embargou na garganta.

O coronel, sem dar mostras de impaciencia, esperou que Maria podesse explicar-se, entretanto que no rosto de Alberto se divisava o interesse que sentia de conhecer a causa da dôr que tão acerbamente affligia aquella mulher.

Passados alguns instantes, ponde Maria exclamar:

— Senhor, perdão! perdão!

— Tranquile-se, senhora: porque assim não a entendo.

— O meu filho! o meu pobre filho!...

— O seu filho! e que mais?

— E' um dos prisioneiros! e amanhã...

— Ah! comprehendendo, comprehendendo.

E o coronel não pôde acrescentar uma unica palavra que servisse de consolação á attribulada mãe.

— Perdão! perdão para elle! repetiu ella deitando-se de novo aos pés de Baeza.

Alberto apressou-se a levantá-la, e só o fez com uma das mãos, porque com a outra limpava os olhos, onde assomavam as lagrimas que lhe transbordavam do coração.

(Continua).

O DOMINGO DOS BÊBÊS

ENIGMAS

Quantos ovos poderia comer o gigante Golias, estando em jejum?

— Um só, porque ao segundo já não estaria em jejum.

* *

Porque foi que S. Paulo escreveu a segunda epistola aos de Corinto?

— Porque estava fora da terra; se estivesse lá, dava-lhes o recado de boca.

* *

O que é que vai e vem sem nunca sair do seu lugar?

— Uma porta.

* *

Quaes são as casas em que as damas nunca fallam?

— As do taboleiro de damas.

Porque é que as mulheres se beijam quando se encontram?

— Por costume.

E quando se separam?

— Por prazer.

* *

Em que se parece um limão com o chefe da Igreja?

— Em terem ambos sumo.

* *

Podes-te esconder de modo que eu te não veja, bulir com alguma coisa, seja o que for; e pergunta-me: com que bulo eu? Aposto em como advinho.

— Vamos a ver...

Com que estou a bulir?

— Com a lingua.

PORTUGAL VELHO

COMO SE VESTIA UM CAVALLEIRO

Aos dezoito dias do mez de fevereiro, da era de 1428 (anno de 1391)¹ na cidade de Evora, estabeleceu e poz por lei o muito alto e poderoso rei de Portugal D. João I, que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição, exceptuando os cavalleiros, podesse usar d'ouro ou coisa doirada, ou latão fingindo ouro, nem veludo nos seus vestidos e adornos, nem em guarnimentos de bestas. E tambem nenhuma pessoa, que não seja cavalleiro, diz ainda a mesma lei, *nom traga calçadura desfrolada, nem pintada, nem riscada de traz.*

Para intelligencia d'esta algaravia, tão estranha hoje, é indispensavel recordar a selecção que no seculo decimo quarto se fazia das pessoas, relativamente ao modo como deviam trajar. Poderemos fazer a divisão em cinco grandes agrupamentos, dentro dos quaes ainda se davam gradações e differenças, de que notaremos algumas. Escusado será advertir, que é uma divisão arbitraria, destinada exclusivamente ao fim a que nos propomos: não corresponde ás diferentes classes sociaes, que então havia.

Façamol-o pois do seguinte modo:

Cavalleiros-nobres, escudeiros, clérigos e doutores, gente do povo, judeus e mouros.

Só aos primeiros era licito o grande luxo; os estofos preciosos, o ouro e pedrarias nos borda-

¹ Antes do seculo XV eram os instrumentos publicos, em Portugal, datados da era de Caesar, ou hispanica, até que no anno de 1422, reinando D. João II se publicou em Lisboa uma lei do theor seguinte:

«Manda El-Rey a todos Tabellães e Escrivães do seu Regno e Senhorio, que daqui em diante em todos contrantos e escripturas, que fezerem, ponham Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo, assi como ante sóyam a poer era de Cesar: e isto lhes manda que façam assi, sob pena de privação dos Offícios.»

José Anastácio de Figueiredo, na sua *Synopsis chronologica* (tomo I, pag. 20. n) affirma que já se havia operado a mesma mudança em Valencia e Aragão no anno de 1338 e em Castella no de 1383.

Para reduzir a era caesariana ao anno christão basta diminuir d'aquella 38 annos.

dos, as ricas pelles nos forros dos vestidos e as plumas nos capacetes. Contudo, algumas d'essas coisas permittiam-se tambem, com mais ou menos restricções, a outras classes, como teremos occasião de notar; o que porém era privativo dos cavalleiros, o que ninguém mais podia usar senão elles e que portanto se tornava caracteristico, era o estribo e espóra d'ouro ou doirada. Assim foi rigorosamente observado até ao tempo de Affonso V, o qual concedeu o privilegio das esporas d'ouro aos doutores *em leyr ou em canones, que forem do nosso conselho ou do nosso desembargo...* ainda que cavalleiros *nom sejam*: palavras textuaes da Ordenação do mesmo principe.²

Quanto á calçadura desfrolada, pintada e riscada, de que tambem só elles podiam usar, quer dizer: calçado feito com o carnaç do cabedal para fora, tinto de alguma côr ou côres, e com lavrados de varias fórmãs, á similhaça do que ainda hoje vemos em cadeiras antigas, de sola. Segundo um regimento da mesma epocha, deviam os sapateiros dar: *o par de sapatos brancos esfrolados, e raspados de pedra pomez, por 24 réis e çapatos brancos de frol com sola e vira ou sem vira, por 22 réis.*³

Das roupagens de veludo, e bordados d'ouro, podiam igualmente usar os doutores e prelados, assim como aos clérigos e «beneficiados honrados» era permittido trazerem sobre sy *penas de veeiros, de grises ou de herminhos* (arminhos).

Aqui a palavra pena significa pelle, de que n'aquelle tempo se fazia larguissimo emprego, não só para ornato, como para forro e face dos vestidos. As classes não privilegiadas, ou melhor diremos na linguagem do tempo, os villões, usavam, segundo a sua fortuna e condição, de pelles mais ou menos boas, mas geralmente de animais do paiz, lobos, raposas, cordeiros, coelhos, gatos, etc. Só ás altas classes era permittido trazerem as de superior qualidade, como zebelinhas, arminhos e outras que vinham de fóra. As pelles de veeiros eram de côres variegadas como as do tigre, por exemplo, e as grizes eram cinzentas.⁴

O ouro, ou doiradura, permittia-se a todas as pessoas nos aneis, contas de resar e *firmas pequenas*, a que hoje chamamos sinetes.⁵ Tambem se permittia nos *freos mures*,⁶ sendo todavia defeso a qualquer pessoa, que não fosse prelado, fidalgo, clérigo ou monge *andar em bestas mures com freo e sellas*. Durou este privilegio até ao ultimo quartel do seculo XVI, em que Philippe II o extinguiu, a requerimento dos povos, nas côrtes de Thomar de 1581.⁷

Outra excepção se acha ainda na referida lei (de D. João I) expressa da seguinte forma:

Outro sy mandou que se alcun ouver signaes de seu linhagem, ou lhe forem dados por aquel, que ouver poder de lhos dar, nos quaes haja ouro ou collar d'ouro, em todo ou em parte, que o possa em elles trazer.

Facilmente se comprehenderá esta disposição,

² Liv. V tit. 43 § 8.

³ Elucid. de Vit. V. Desfrolado. Na Italia usava-se por esse tempo o calçado de duas cores. (Vid. *Cibario Econ. Polit.* da Eade-media. liv. III, cap. V, pag. 155 mibi).

⁴ Elucid. de Vit. V. Veeiros.

⁵ Lei de D. João I inserta no Cod. Alm. Liv. 3 tit. 43 § 1.

⁶ Ib.

⁷ Elucid. de Vit. V. Mula.

recordando, que nos principios d'aquelle seculo se introduziu a moda, não só em Portugal, como em varios outros paizes da Europa, de bordar nos vestidos os braços de familia; ora, como na classe dos escudeiros havia muitos que eram fidalgos, permittia-se a estes o uso do metal defeso, quando assim o pedia o seu distinctivo heraldico.

DELPHIM D'ALMEIDA.

(Concluz no seguinte numero).

ROSICLER

A MALAGUEÑA DA «PAQUITA»

Quando saio de tarde e a fresca aragem
Me dá na roupa,
Sou como o barquinho á vela,
Que vai seguindo viagem
De vento em pópa.

Depois se o vento,
Ao voltar subito a esquina,
Vem mais violento,
Quem passa e vê
Baixinho me diz: «Menina,
Que lindo pé!»

Córada sigo,
Nem sequer olhos levanto
Para ninguém;
E quando vem
O vento mais sacudido,
Prendo e reprendo o vestido;
Mas sempre alguém
Me diz que vê
Distinctamente o pézinho...
Quando não é
As vezes um bocadinho...
Além do pé.

BULHÃO PATO.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 112)

Acompanhado pelo sr. Lafleur, Yegor alugou uma pequena casa de madeira, a ultima da cidade, á beira do Lena — a unica, talvez, que não estava cercada por aquellas altas estacarias de defesa, que dão um ar tão pouco sociavel á capital yakute. O novo secretario do governador mandou construir uns tabiques para que Nadege tivesse alguma commodidade nos seus aposentos, e Ladislau podesse ter o seu quarto. Depressa foram habitar a nova casa. Na Siberia são desconhecidos os leitos. Dorme-se em cima de um montão de pelles ou de tapetes, que tambem servem de roupa de cama. No tocante á mobilia, os noivos, com a idea fixa de fugirem na primeira occasião, limitaram-se ao estritamente necessario.

Estava-se em pleno mez de novembro; os dias tinham apenas tres horas de luz e duas de crepusculo, com a prespectiva de ver desaparecer o sol durante os mezes de dezembro e janeiro, deixando logar a uma noite, que parece dever ser eterna. A terra escondia-se debaixo de um lençol de neve. E durava isto muitos mezes!

Esta neve amontoava-se por vezes ameaçando as casas, quebrando-lhes os tectos, e invadindo

do-as. Rajadas fortissimas de vento completavam estes destroços. O thermometro chegava a marcar trinta e até quarenta grãos abaixo de zero.

O sr. Lafleur vinha em trenó visitar os seus amigos.

—Brrr!! fazia elle tirando as pelles com que se abafava. Felizmente não ha falta de lenha n'este diabo de terra. E os naturaes estão ali no meio da neve... como se estivessem entre pastas de algodão. Nem o amigo sabe de que elles vivem! N'esta escuridão, que nos cerca a todos, caçam martas, rennas, raposas de todas as cores, e ursos para pagarem o imposto ao czar. De verão pescam; de inverno caçam.

—Ah! murmurava Nadege, quando tornaremos a ver a primavera!

—A primavera, minha senhora? disse-lhe um dia o mestre de dança, ainda é mais agreste e desagradavel do que o inverno. As vezes fica-se enterrado até aos peitos n'uma especie de marmelada branca.

A vida, que Yegor passava na intimidade do governador, não seria difficil de supportar, se não fossem os cuidados no futuro, os projectos de fuga contrariados, que lhe absorviam toda a existencia. Elle enchia de desenhos a lapis, e de aquarellas o album da mulher do governador, tocava quadrilhas no piano, jogava partidas de xadrez com o general, dirigia charadas figuradas e organisava *soirées* dançantes, para que eram convidadas as poucas senhoras de Yakutsk. Tudo isto por cem rublos cada mez.

O sr. Lafleur concorria a todas as pequenas festas do governador. N'essas reuniões o mestre de dança fazia valer todas as suas prendas. Nada havia tão comico, tão ridiculo, como ver o marcar o passo da «siberiana» aos sons delicados da sua rebecca, interrompidos durante os passos, que elle tambem dançava, supprindo n'esses intervallos com a voz a falta do instrumento. Tomava então as posições nobres da velha escola franceza que lhe foram transmittidos não se sabe porque tradição; depois, repentinamente, desconjunctando-se, deslocando-se, saracoteando-se aliava a despejada desenvoltura dos bailes publicos de Paris á rigidez classica e severa dos menuettes da antiga corte.

Yegor alcançou por fim, com grande satisfação, licença de caçar com as espingardas do general; tinha comprado ás escondidas, quando partiu de Irkutsk, uma carabina de dois canos e um par de revolvers; essas armas, porém, estavam guardadas com o maior cuidado.

A caça devia servir-lhe de pretexto para estudar a região. Fez algumas excursões durante o inverno, sendo acompanhado uma ou duas vezes por Agrafena, levando alguns cossacos de escolta.

Para habituar o governador a umas ausencias prolongadas, Yegor sabia da cidade em carruagem e passava dois ou tres dias sem apparecer.

O general e a familia tratavam o deportado com grande afabilidade: mas este nunca levava Nadege ao palacio do governador. Allegava como desculpa a profunda tristeza e abatimento da rapariga.

Em uma formosa manhã de primavera, Yegor sahio cedo, guiando o seu trenó sobre a neve já molle. Rodava com toda a velocidade de dois bons cavallos do paiz sobre a estrada real do occidente, quando se cruzou com outro trenó, em que ia um viajante muito bem embuçado e coberto de

pelles, mas em quem Yegor julgou reconhecer o homem do chicote da mina de Ubul, o cabo em quem dera a bofetada. Um tal encontro n'aquelle logar era cousa, na verdade, bem extraordinaria! O que mais fortaleceu Yegor na sua supposição — aliás quasi inadmissivel — foi o movimento involuntario que o tomou. Não havia que duvidar, devia ser o russo Yermac.

Effectivamente era. Yegor soube-o com certeza n'aquelle mesmo dia.

Yermac tinha sido desligado do seu voto de expiação e de humildade.

O governador da Siberia occidental, quando teve conhecimento das rasões, que motivaram a demissão do ispravnik de Nertchinsk e a sua entrada no serviço das minas, propoz-se decidir o zeloso funcionario a modificar a sua determinação. Metteu mãos á obra, e conseguiu vencer-lhe a resistencia energica, os escrúpulos, excessivos talvez. Yermac cedeu por fim; mas poz uma condição: viver longe do paiz. O general K... deu-lhe uma carta de recommendação para o governador de Yakutsk, e facilitou-lhe os meios de chegar até lá.

No dia seguinte ao do encontro na estrada real Yegor viu entrar o ex-guarda da chusma no gabinete do governador. Um instante depois, o general mandou chamar o seu secretario.

—Sr. Semenov, disse-lhe elle, eis aqui o nosso novo chefe de policia, o sr. Yermac; disponha todas as cousas de modo que elle não encontre embaraços no exercicio do seu emprego. O sr. Yermac tem longa pratica de administração... não tem de fazer apprendizado.

O general notou o constrangimento, os sorrisos ironicos, os olhares desconfiados dos dois homens.

—Talvez sejam conhecidos! accrescentou elle.

—Vossa excellencia não se engana, respondeu o novo chefe de policia. «Este senhor» parece admirado de me encontrar aqui.

—Depois de o ter deixado nos trabalhos forçados de Ubul, confesso que me admira, disse Yegor.

—Ah! Muito bem! Já sei! exclamou o general.

—Mas, replicou Yermac, peço a «este senhor» que acredite que o chefe de policia de Irkutsk deixou no fundo da mina a lembrança do procedimento ás vezes rigoroso do guarda da chusma de Ubul para com os condemnados, em quem superintendia. E, accentuando cada uma das palavras, accrescentou: de uma só cousa me lembro constantemente, o rigoroso cumprimento do meu dever.

—Apresento-lhe os meus respeitos, acudiu Yegor, e lamento que a forma um pouco altiva porque acaaa de fallar, me não permitta agradecer-lhe.

—Bem, meus senhores, interrompeu o general, que receiava alguma scena desagradavel. Não lhes faltará occasião de renovarem o seu conhecimento, em condições differentes e sobretudo muito meliores.

Estas palavras puzeram termo a uma especie de apresentação despidida de toda a cordialidade.

Yegor adivinhou na presença do antigo cabo das minas mais um obstaculo aos seus projectos.

—Yermac, pensava elle, não pode ter esquecido completamente a affronta, que lhe fiz. Se achar occasião de vingar-se, no desempenho dos

seus deveres, vinga-se de certo; ha de vigiar-me com attenção.

Alguna cousa intima, um presentimento secreto dizia-lhe que tomasse cautella com semelhante homem.

VI

Chegou o verão, abriu-se a estação da feira, e os negociantes de Irkutsk trouxeram fazendas, utensilios, chá, ao passo que das margens do mar Glacial, das bordas do mar d'Okhotsk e do Kamtschatka chegavam os caçadores de pelles carregados de despojos.

Yegor Semenoff aproveitou a occasião, que se lhe offercia, para comprar viveres e roupas indispensaveis á execução do seu projecto.

Mas, apesar de toda a prudencia, com que o fez, o chefe de policia Yermac, que espreitava todas as suas acções com o desejo evidente de o apanhar em alguma falta, soube que o secretario do governador fizera ás escondidas avultadas provisões.

cousa dos idiomas indigenas. Finalmente achou-se em estado de fazer o seguinte plano:

Munido de um passaporte do governador para si e para a noiva, podia, no principio da viagem, utilizar-se dos cavallos de muda, que estavam na margem direita do Lena, até ao ponto, em que o Aldan se lança no grande rio da Sibiria. Em Aldanska, cidade situada perto da embocadura do Aldan, devia achar cavallos comprados pelo sr. Lafleur, e um guia yakute, subornado pelo mesmo Lafleur, cuja bondade era illimitada.

O parisiense, no seu odio contra todas as tyrannias, puzera-se completamente á disposição de Yegor. Devia partir primeiro na carroça destinada ao transporte das mercadorias em que negociava. Além da tenda de campanha, dos viveres, das roupas de inverno, levaria consigo o pequeno polaco; um e outro podiam sair de Yakutsk sem excitar desconfiança alguma—pelo menos assim o julgavam.

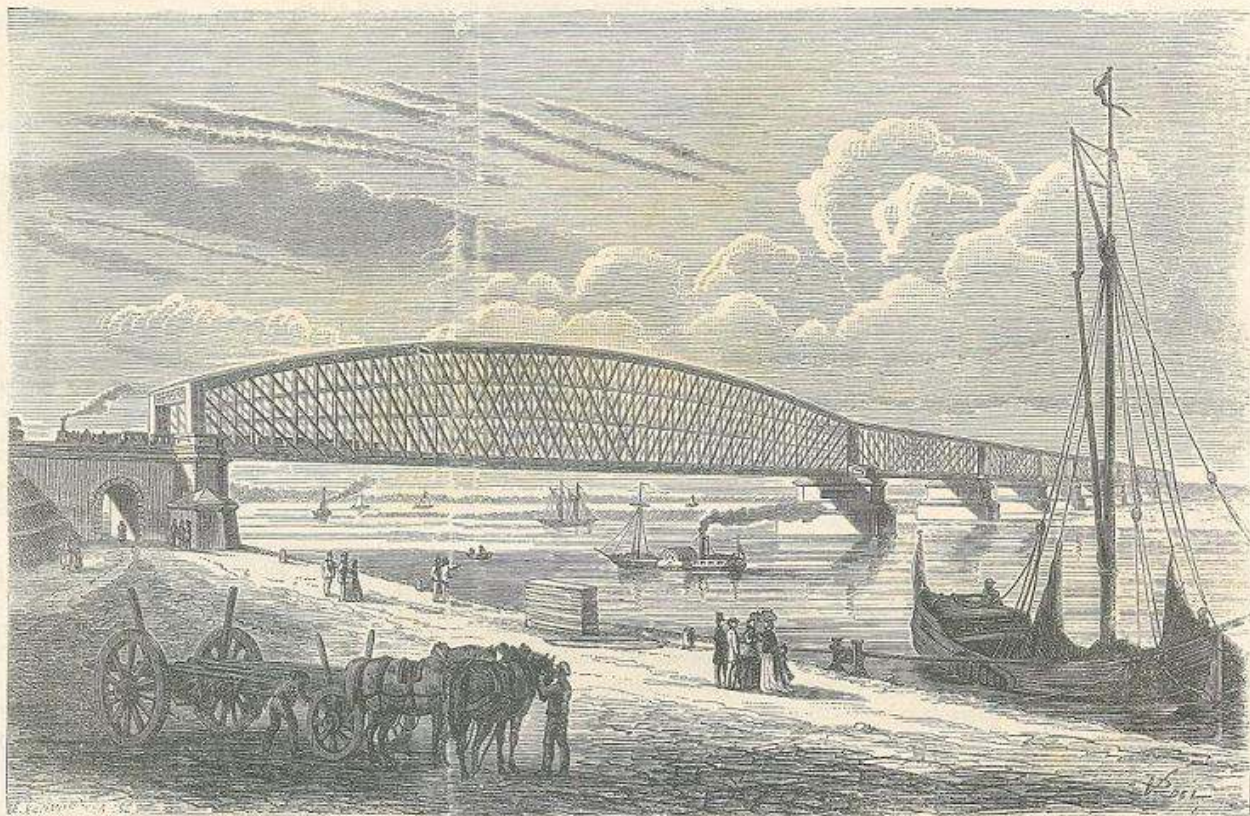
Lafleur acompanharia os fugitivos até aos mon-

sas povoações d'estes indigenas não sejam igualmente hospitaleiras, Yegor não receiava deante das difficuldades, que poderiam surgir inesperadamente; nada se parecia, nem de longe, com a vida infame do forçado, a que elle ia fugindo.

Chegar ao paiz dos Tchutchas era já a liberdade; faltava descobrir o meio de alcançar o mar de Behring, na volta do verão e das aguas livres, tempo em que aquellas paragens são frequentadas por baleeiros americanos e inglezes.

A interessante filha de Davidoff, a cujos olhos Yegor assumia proporções sobrenaturaes, tirava do seu casto amor toda a força, todos os estimulos capazes de avivarem o ardor do homem, que por ella sacrificava a existencia, querendo levantar a da sua queda de filha de deportado. Não podia esquecer-se de que Yegor, mercê da benevolencia com que era tratado pelo governador, melhorára tanto nas suas condições de vida, que aspirava principalmente á liberdade para cumprir a sagrada promessa feita ao poeta moribundo.

Yegor entrevia já essa liberdade.



A PONTE DE KUYLENBURGO NA HOLLANDA

Por outro lado, a auctorisação pedida ao czar para o casamento tinha chegado, e passara pelas mãos do chefe de policia, que não explicava a razão porque os noivos se não aproveitavam d'ella. Que motivos teriam para isso? Queriam tornar-se livres, fugindo? O antigo ispravnik de Nertchinsk sabia perfeitamente a grande repugnancia que tem os condemnados em contrahirem nupcias, que compromettem o futuro de seus filhos. Redobrou de zelo e de cuidado, e principiou a exercer uma rigorosa fiscalisação.

Yegor não se limitára a aperceber-se do que devia assegurar materialmente o bom exito da sua tentativa; estudára minuciosamente todas as cartas do paiz, que podera obter; fazia perguntas aos negociantes, aos caçadores; aprendia alguma

tes Verkho-Yansk. Atravessada esta cadeia de montanhas, os fugitivos internar-se-hiam em uma das florestas impenetraveis, que cobrem a região situada para lá, a fim de esperarem a primeiras neves... Contavam com o inverno como um auxilliar que nivelaria os caminhos, tornaria praticaveis os rios e protegeria a sua fuga com a noite. So em trenó podiam chegar a Nyni-Kolinsk, ultima cidade russa, edificada no lugar em que o Kolima paga ao mar Glacial o tributo de suas aguas, e não longe das regiões polares, em que Nordenskiöld ponde adquirir a certeza de ter descoberto a passagem do Nord-Este.

Segundo os calculos de Yegor Semenoff, podiam, auxiliados pela comprida noite do inverno, penetrar até ao Tchutchas. Ainda que as diver-

Mas, como reverso d'aquella seductora perspectiva, que terrivel repressão, que expiação dolorosa, se fosse mallogrado o seu intento! Nos momentos de desanimo Yegor recordava-se d'aquelle pobre forçado desfigurado com acido sulphurico, que elle vira ao chegar ás minas de Ukhul, victima dos tratos mais infames e crueis. Que sorte preparava elle á encantadora Nadege e ao pequeno Ladislau, se a fortuna lhe fosse contraria! Para si uma morte ignominiosa, para elles a prisão, isto é, a morte tambem, mais lenta sim, mas inevitavel.

(Continua.)